



Uma perspectiva
da casa sob o alpendre



Quinta
de Óbidos

Uma antiga casa de lavoura



A Quinta de Óbidos
respira a tranquilidade
e harmonia próprias
do campo



A hora do lanche é tentadora e saborosa

As muralhas de Óbidos recortam-se no horizonte sob o sol laranja do fim da tarde. No vale sobranceiro à vila e ao castelo, a Quinta de Óbidos respira a tranquilidade e harmonia próprias do campo.

Esta casa do século XIX tem as características das grandes casas de lavoura da região.

Foi construída pelo engenheiro Garrelon, um francês que fazia parte da equipa do eng. Eiffel, quando este veio ao nosso país para executar várias obras de engenharia encomendadas pelo Governo português.

Uma dessas obras foi a construção da linha do Oeste, que saía do Rossio e ligava o Cacém à Figueira da Foz, passando por Óbidos e Caldas da Rainha.

O engenheiro Garrelon veio para chefiar a construção dessa linha e ficou a viver nesta casa, conhecida antigamente como Quinta de S. José. Acabou por casar com uma senhora da região e viveu o resto da sua vida aqui.









Uma localização fora do comum

Entretanto, foi comprando pouco a pouco, às pessoas da zona, pequenas parcelas de terreno à volta do núcleo principal da casa e constituiu uma quinta com cerca de 60 a 70 hectares.

Situado a poente de Óbidos, este vale onde se insere a quinta era a antiga veiga de Óbidos, também conhecida como várzea da rainha, desde os tempos em que, em troca do aqueduto mandado construir nesta região pela rainha Catarina de Áustria, mulher de D. João III, a vila cedeu estes terrenos extremamente férteis à rainha, que dela cobrava foros e terços. A linha de caminho-ferro foi construída separando a quinta em dois, e hoje em dia, de vez em quando, o silêncio

é cortado pelo ronronar das locomotivas e vagões que passam ao longe, atrás da casa.

A casa e a quinta ficaram sempre na posse da família Garrelon, até meados dos anos cinquenta, altura em que a quinta deixou de funcionar como exploração agrícola e as terras ficaram ao abandono. Quando os atuais proprietários, Fernando e Leonor Sarmento, compraram a quinta há cerca de três, quatro anos, a casa estava bastante arruinada e nas terras cresciam matagais. Foi necessário reconstruir a casa praticamente de raiz, sobretudo porque, entretanto, tinham sido feitos acrescentos, que em nada embelezavam a casa.



Repouse à beira da piscina e aprecie a paisagem deslumbrante

As obras demoraram cerca de dois anos, e a preocupação dos novos donos foi a de não exagerar nos efeitos arquitectónicos, mantendo os traços de casa rica de quinta, o que foi, sem dúvida, conseguido. A casa foi pintada de branco e debruada de amarelo, e foi para Leonor Sarmento uma questão de princípio que a casa mantivesse aspectos de casa burguesa, com bastante conforto, mas onde se pudesse também sentir o lado simples e rústico de estar no campo. É também nesse sentido que gosta de receber as pessoas de maneira a que se sintam em casa e considera que, desde que abriu a casa ao turismo em Julho deste ano, fez amizades muito simpáticas com alguns estrangeiros.

A hora do lanche é um momento agradável, que por vezes proporciona que os hóspedes se encontrem à volta de um chá, com “scones” e compotas para conversarem e se conhecerem, o que acontece até um pouco por acaso e se transforma num dos lados mais simpáticos da sua forma de receber e que é, afinal, a tradicional hospitalidade portuguesa.

A quinta fica situada numa região de grande beleza, com as praias de Peniche, do Baleal e da Foz do Arelho por perto, o que não deixa de ser simpático no Verão. De Inverno, além do repouso e do bem-estar proporcionados pelo campo, a proximidade de Óbidos permite juntar o útil ao agradável e partir à descoberta desta belíssima vila. ♦